

alameda digital

actualidades, ideias e cultura

O MITO E OS FACTOS

A chacina de Badajoz

por J. Luís Andrade

Um violento episódio da épica caminhada das tropas revoltadas que, de Sevilha, convergiam para a Capital, foi transformado habilmente pela *Frente Popular* num mito de horror que ainda hoje persiste pegajosamente. Jay Allen, jornalista americano do *Chicago Tribune*, provavelmente inebriado pelos vapores do tinto português de que tanto gostava, pintou a ocupação de Badajoz pelas tropas do insurgente Yagüe com tais pormenores e colorido que até parecia que havia assistido a tudo o que se passara quinze dias antes. Com efeito, chegado à capital *extremeña* a 23 de Agosto, nove dias depois da ocupação e no dia seguinte ao massacre verificado na prisão *Modelo*, em Madrid, Allen traçou um cenário dantesco composto por uma sanguinolenta orgia de vingança. Segundo ele, teriam sido *mortas mais de quatro mil pessoas, das quais, 1.800 teriam sido executadas nas primeiras doze horas. Os carrascos tinham tido tempo para montar um espectáculo na Praça de Touros, a que tinham assistido mais de 3.000 pessoas que batiam palmas à medida que os prisioneiros eram abatidos*. Rapidamente difundido pelos propagandistas ao serviço da *Frente Popular*, quiçá como contraponto ao choque e indignação provocados pela divulgação internacional da matança da *Modelo*, a crónica do americano constituiu a base do Mito da *Chacina* de Badajoz. Nove semanas depois, a 27 de Outubro, o assunto seria retomado pelo jornal madrileno *La Voz*, com o Exército de África às portas de Madrid. A descrição e os detalhes são de tal forma exagerados que a notícia acaba por se tornar inverosímil. Poucos dias depois dão-se os massacres, esses sim bem reais de Paracuellos del Jarama. Um espectáculo semelhante, mas no lado contrário, foi descrito pelo insuspeito Hemingway na sua novela *Por quem os sinos dobram*. Pelos vistos, o infra-humano tratamento taurino aos detidos fazia parte do imaginário *frentepopulista* que não só o pôs em prática como tentou imputar a sua representação aos sublevados, em Badajoz. Bem documentado está o calvário de António Díaz del Moral, residente em Ciempozuelos. Introduzido num touril da praça de toiros, foi múltiplas vezes corneado por uma rês da ganadaria López de Letona. Meio-morto, foram-lhe cortadas as duas orelhas após o que foi arrastado pela povoação a reboque de um carro para finalizar pendurado numa oliveira e servir de alvo a um campeonato de tiro com que definitivamente o mataram. Na realidade, os acontecimentos drásticos da repressão pós-ocupação aparecem traduzidos nos registos de óbito com 172 mortes; mesmo considerando os 493 fuzilamentos efectuados depois, até Dezembro, a cifra, embora denuncie a dureza da repressão, fica muito aquém dos milhares de vítimas da tão apregoada chacina indiscriminada.

Mário Neves, o nosso primeiro embaixador na União Soviética no pós-25 de Abril, foi testemunha desses conturbados dias, na qualidade de jornalista do *Diário de Lisboa*. Ao contrário de outros colegas portugueses que cobriram o avanço da coluna sul dos sublevados desde Sevilha, Mário Neves concentrou-se apenas em Badajoz não tendo testemunhado, por exemplo, as cinzas dos horrores de Almendralejo ou de Alares. Durante muito tempo, as reportagens daquele jornalista português foram usadas como prova de apoio e suporte às invenções de Jay Allen, ou seja, daquilo que se convencionou chamar a *Chacina de Badajoz*. Foi, aliás, este o título do opúsculo que Mário Neves publicou em 1985, nos Cadernos de *O Jornal*, estimulado certamente pela entrevista que havia concedido, pouco tempo antes, aos produtores ingleses da série *A Guerra Civil Espanhola*, distribuída pela *Granada TV*. Li com atenção o pequeno livro e, com excepção de umas desajustadas e injustas acusações aos livros do Major Geoffrey McNeill-Moss - *The Epic of the Alcazar* e do historiador alemão Hellmuth Günther Dahms - *Der Spanische Bürgerkrieg*, nada de especial destaque encontrei. As reportagens, transcritas no texto haviam sido publicadas de 11 a 16 de Agosto de 1936. Segundo o autor, a 17 havia escrito uma crónica que a Censura não deixara passar e que só apareceria numa obra de Southworth, em 1965. Apesar de uma análise *hermenêutica* ao texto sugerir que essa última reportagem apresenta um tom um pouco diferente, talvez mais radical que as anteriores, temos obviamente que nos basear na palavra do autor. Mas em última análise, a verdade é que esse relato pouco ou nada acrescenta ao já expresso nos anteriores. Que houve muitas mortes em Badajoz nenhuma das partes envolvidas o contesta. O que importa saber friamente é

se elas resultaram de acções de guerra ou de repressão do tipo *Væ Victis!* Se algo é confirmado pelas ligeiras reportagens de Mário Neves é o facto de, por um lado, os *Carabineros* (polícia fronteiriça) se terem revoltado, logo que puderam, contra os seus oficiais e superiores fiéis ao governo de Madrid e, por outro, a tradicional hospitalidade das autoridades portuguesas, com o condão acolhimento prestado aos refugiados *frentepopulistas*. Das descrições do jornalista se intui que, ao contrário do que alguns autores precipitadamente afirmam (Iva Delgado, por exemplo), não foram as autoridades portuguesas que recusaram a entrada no País ao vereador de Mérida e ao *alcalde* de Fuente del Maestre mas sim os *carabineros* do posto fronteiriço que, amotinados a favor dos sublevados, os tinham detido. Aliás, não fazia nenhum sentido terem as autoridades portuguesas deixado entrar no País personalidades com muito mais responsabilidades políticas como o eram o Governador Civil, Miguel Granados, ou o Comandante Militar de Badajoz, Cor. Ildefonso Puigdemola Ponce de León, para depois impedir a entrada a ilustres desconhecidos.

Parece-me altamente reprovável deixar que uma legítima e louvável repulsa pelo grau de violência registado em Badajoz seja transformada num testemunho de evidência de uma repressão que nem Mário Neves nem os jornalistas franceses que o acompanhavam, Jacques Berthet do *Temps* e Marcel Dany da agência *Havas*, estiveram em condições de testemunhar. E, obviamente, muito menos Jay Allen ou Reynolds Packard, outro jornalista americano que escreveu uma crónica para o *New York Herald Tribune* como se tivesse assistido a tudo; o desfasamento da realidade foi de tal forma que a própria *United Press* teve de o desmentir. Quer na Praça de Touros quer na pequena *Calle S. Juan* plantou a imagem de milhares de mortos. Nem o tempo entretanto já decorrido, nem o número de defensores da cidade nem a dimensão das artérias descritas permitiam, de boa fé, construir tais mitos. Aliás, o Prof. Ricardo de la Cierva indica no seu magnífico trabalho *Historia esencial de la Guerra Civil Española* testemunhos de militares governamentais que contrariam aquelas notícias. Incontestável informação sobre o que realmente se passou, são as declarações do tenente Pedro Parra Báez ao Ministério da Defesa espanhol em 19 de Novembro de 1984. O referido militar, afirma que quando a coluna Madrid chegou a Badajoz ele, que na altura era cabo, e mais 83 camaradas seus resolveram abandonar as posições e retirar-se para casa. Depois das autoridades dos insurrectos terem tomado a cidade ele e todos os seus companheiros apresentaram-se fardados e foram detidos na Praça de Touros para averiguações. Aí permaneceram detidos até ao dia 26 de Agosto, tendo sido transferidos para a prisão provincial no dia seguinte, após interrogatório. Algum tempo depois, a todos o Tribunal de Guerra permanente da Praça de Badajoz, em Conselho de Guerra sumariíssimo de urgência, declarou inocentes.

Um facto ignorado ou conscientemente omitido pelos divulgadores do Mito, foi a sublevação das Forças de Segurança ao serviço de Madrid contra o poder, os desmandos e os excessos repressivos das milícias *frentepopulistas*. Quando 300 *guardias civiles*, integrados numa expedição sob o comando do deputado Sevilla Cañete enviada para deter a coluna Asensio, cerca de 100 conseguiram desertar para os sublevados. Por precaução, os outros foram enviados para Badajoz sob prisão. Depois de um curto combate em Los Santos de Maimona, a 5 de Agosto, as tropas recuaram para o abrigo da Capital *extremeña* onde a tensão, entretanto, crescia no seio das forças governamentais. No dia seguinte, os *guardias de Asalto*, formação militar aprioristicamente favorável ao Governo, pelo cuidado recrutamento político que fora posto na sua constituição, revoltaram-se depois de uma tentativa de assalto dos milicianos à prisão com o intuito de fuzilar os detidos e incendiar as instalações. A firme oposição das Forças de Segurança (incluindo o pessoal dos serviços prisionais) evitou o massacre e levou à mencionada sublevação dos militares da *Guardia de Asalto* que detiveram o seu comandante, Benitez de seu nome, bem como o Cor. Puigdemolas. Isolados, solicitaram a solidariedade da *Guardia Civil* mas esta, muito vigiada, recusou-se a sair em seu auxílio. A meio do dia seguinte não tiveram outra solução senão renderem-se, depois da intermediação dos deputados socialistas Miguel e Nicolás de Pablo.

As colunas de Yagüe estão então junto a Mérida que, a 10, conquistam facilmente. Badajoz é agora uma bolsa cercada, onde o único escape possível é a fronteira portuguesa por onde fugiriam, ainda antes da queda da cidade, o Coronel Puigdemolas e o Governador Civil, como já se disse. A defesa, não obstante a confusão anterior, foi tenaz e valorosa. Os sublevados sofreram muitas baixas e os defensores só cederam quando o Capitão Pérez Caballero, acompanhado pelos quatorze legionários que lhe restavam, logrou penetrar na designada *Brecha de la Muerte* (com o sargento João Correia, português, à frente), na fortificação da cidade. Largos sectores da guarnição militar decidiram-se pela rendição enquanto que a maioria das forças milicianas fugia em debandada pelo emaranhado de ruas de Badajoz, procurando refúgio em casas particulares. E, tal como já acontecera noutras localidades, nomeadamente em La Línea, o método de progressão dos legionários e dos Regulares ao penetrarem no tecido urbano, levou a que inocentes, que por curiosidade ou incúria não haviam procurado refúgio adequado, fossem abatidos. O comandante do Regimento da Guarnição, o Cor. Quadrado, e o comandante dos *Carabineros*, o T./cor. Pastor, morreram na encarniçada defesa da cidade pacense.

Em última análise, as mortes em Badajoz, por mais graves e lamentáveis que possam ter sido, não constituíram um valor significativo, nem no contexto da **GCE** nem, muito menos, no panorama alargado dos conflitos e repressões políticas do séc. XX. Colocando o facto nas suas devidas proporções, de acordo com os relatórios recentemente divulgados na Rússia, as execuções na cidade *pacense* não foram sequer um valor concorrente do *número de russos que eram executados enquanto Estaline tomava o pequeno-almoço*, como afirma Soljenitsyn.